

Outros 400 Anos: O Jornalismo Independente na cobertura do aniversário de 400 anos da cidade de Belém do Pará¹

CORRÊA, Rodrigo Avelar²
AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas³

Resumo

O artigo se propõe a analisar a página Outros 400 como uma iniciativa jornalística independente que surgiu na internet por ocasião do quatrocentésimo ano de aniversário de Belém do Pará. A hipótese de trabalho é de que a página pode ser considerada uma mídia radical alternativa, de acordo com os estudos de Downing (2002), pois possibilita reflexões críticas sobre a capital do Pará. O próprio nome da página “Outros 400”, uma espécie de *culture jamming*, é revelador de uma manifestação ativista em rede que denuncia a dominação e mazelas da cidade, estas desde o início de sua colonização portuguesa em 1616. O trabalho contextualiza o ambiente digital em tempo de convergência como propício, entre outras manifestações, ao jornalismo crítico distanciado de interesses corporativos. O período da investigação ocorreu durante o mês de janeiro de 2016, em que houve o aniversário de Belém.

Palavras-chave

Convergência; Jornalismo independente; Mídia Alternativa.

Introdução

No dia 12 de janeiro de 2016, Belém do Pará completou seus 400 anos de fundação colonizadora portuguesa, pelo Capitão-mor Francisco Caldeira Castelo Branco, em 1616. Para marcar a data, os últimos anos foram decisivos para a construção, por exemplo, do projeto “Cidade Luz da Amazônia”, que marcou o centro da cidade, e envolvia a troca da iluminação pública da Avenida Visconde de Souza Franco (uma das mais valorizadas da capital) até o projeto de decoração natalino de 2015 que transformou as praças Batista Campos e da República em verdadeiras exposições de natal. Mas, uma parcela significativa da população ficou à margem do investimento municipal e estadual, com problemas sérios de saneamento básico e criminalidade. O discurso defendido por tal projeto foi assimilado

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de **IJ 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania**, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo fez parte da avaliação da disciplina Comunicação Popular-Cidadania, ministrada pela professora Dra Célia Trindade Amorim, na Faculdade de Comunicação (UFPA), no primeiro semestre de 2016.

² Aluno de graduação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFPA. E-mail: avelarezz@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Grupo e Projeto de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq-UFPA. E-mail: celia.trindade.amorim@gmail.com.

por algumas corporações midiáticas⁴ da cidade exaltando o aniversário de Belém como uma comemoração em grande estilo, sem ênfase no que estava ao redor: a grande maioria da população de Belém.

Para se contrapor ao programa festivo, denunciar e divulgar informações relevantes referentes aos reais problemas enfrentados pelos moradores das periferias de Belém, que ficaram à margem da festa dos 400 anos da cidade, foi criada em novembro de 2015 a plataforma *online* Outros 400. Ela é lançada em um ambiente propício (não único) a esse tipo de discussão: o jornalismo na web, ou seja, aquele em que o jornalismo é desenvolvido na internet, caracterizado pela autora Mielniczuk (2003) e Palacios (2004) como dotado de hipertextualidade, interatividade, multimídia/ convergência, personalização, memória e atualização contínua.⁵

Não se deve mitificar que na internet o ambiente é totalmente democratizador, em que a informação circula livremente sem qualquer tipo de censura, mas com certeza ampliou-se o alcance de público, o que só facilitou o jornalismo alternativo. Nesse contexto, Carvalho (2014) aponta que:

De fato, o jornalismo alternativo não se constitui como novidade, levando-se em conta os vários veículos, sejam impressos ou eletrônicos, que surgiram durante o século XX no Brasil. Mas a potencialização da capacidade produtiva e de difusão segmentada é um fator favorável a este tipo de jornalismo, que nos permite, talvez, afirmar que vivemos uma reformulação significativa no jornalismo cujas referências hegemônicas são aquelas constituídas quase que exclusivamente por um tipo de negócio com vistas ao lucro ou atendimento dos interesses de uma elite econômica. Esta mudança a ser encarada como concorrência pode trazer para o jornalismo uma nova *práxis* com condições de redefinir o que de fato se compreende desta atividade social. (CARVALHO, 2014, p. 127).

Outros 400 é um exemplo, dentre outros no Brasil e no mundo, de como a difusão pública de informações pode caracterizar uma iniciativa jornalística com perfil de uma mídia radical alternativa. Nos estudos de Downing, ela é definida como: “A mídia – em

⁴ No dia 30 de setembro de 2015, a página de *ORM News* publicou uma matéria com o título “Belém Cidade Luz da Amazônia começa atrações de 2015”, fazendo referência ao projeto de iluminação implantado pela Prefeitura Municipal de Belém, à época do Círio de Nazaré, festividade católica que reúne centenas de pessoas e que fomenta o turismo na cidade. *ORM News*. Belém Cidade Luz da Amazônia começa atrações de 2015. Disponível em: <http://www.ormnews.com.br/noticia/belem-cidade-luz-da-amazonia-comeca-atracoes-de-2015>. Acesso em: 14/04/2016.

⁵ Palacios (2004) a partir dos estudos de Badoel e Deuze (2000), discorre sobre essas características, de modo que concebe: Multimídia como a convergência dos formatos de mídias em diferentes suportes; Interatividade, capacidade do internauta se sentir parte fundamental do processo de construção da notícia; Hipertextualidade, a ligação entre textos por meio de links; Personalização, a adaptação do formato e conteúdo de acordo com a preferência do internauta; Memória, a possibilidade do acúmulo de informações dentro do formato digital; Atualização contínua como a agilidade com que o conteúdo jornalístico se atualiza.

geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (Downing, 2002, p. 21).

Para que se compreenda melhor a gênese de iniciativas jornalísticas na web como a da página Outros 400, é de suma importância que consideremos o cenário de transformações sociais em que estamos vivendo, o que nas palavras de Jenkins (2009) chama-se de “cultura da convergência”. Ela é força propulsora de novas práticas sociais, entre elas, a jornalística, que vem se organizando, como no caso dos alternativos, em um território de baixo custo e mais simples.

O cenário convergente para o alastramento do jornalismo independente

A convergência midiática para Jenkins (2009) não deve ser entendida apenas por um viés tecnicista, em que as velhas tecnologias foram incorporadas às novas e a lógica de mercado passou a exigir novas demandas, mas também como um processo que “ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (JENKINS, 2009, p. 30).

Ao tratar da ideia de convergência, o autor refuta o paradigma da “revolução digital”, no argumento de que ela apoia uma perspectiva de substituição de tecnologias, quando na verdade o que ocorre é uma aglutinação de mídias que complexifica cada vez mais os processos. Sobre isso, ele defende que “a convergência é, nesse sentido, um conceito antigo assumindo novos significados” (JENKINS, 2009, p. 32/33).

Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes. É por isso que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações nos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital. Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mais propriamente, suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias. (JENKINS, 2009, p. 41/42).

Ele também discute sobre a questão material do processo, de modo que não devemos pensar que as velhas tecnologias morrem, elas apenas interagem segundo o autor de forma mais complexa, em que o poder do produtor e do consumidor se cruzam (Jenkins, 2009). É claro que dentro de uma economia global capitalista, a esfera dos grandes conglomerados detém um grande poder, mas o cenário convergente dá margem também para uma ampliação do poder na esfera individual e coletiva.

A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias. Entretenimento não é a única coisa que flui pelos múltiplos suportes

mediáticos. Nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia. (Jenkins, 2009, p. 45).

Já no início do século XXI destaca-se a plataforma digital apropriada como ferramenta noticiosa na cobertura midiática da Guerra do Iraque, por meio dos *weblogs*, *websites* e *chats*. Foi um momento em que a internet passou a ser utilizada como complemento à cobertura tradicional de grandes corporações como a CNN, BBC, *Fox News*, *Associated Press* e *Bloomberg News* em um esforço para a maior difusão das notícias por meio dos “*embedded journalists*”, jornalistas embutidos que acompanhavam as tropas nas batalhas (ARAÚJO NETO, 2005, p. 9).

Nesse contexto, a internet foi se desenvolvendo e passou a ser utilizada por outras iniciativas, como as independentes e alternativas. Mais de uma década depois, vemos consolidada a realidade na qual a internet se apresenta de forma estratégica para várias atividades da vida social, como por exemplo, veículos noticiosos, sendo um mecanismo fundamental para qualquer organização ou instituição, desde um grande veículo, até um alternativo. É inerente hoje às grandes empresas terem uma página pública em alguma rede social, ou site, para a conquista de um território que se define como hegemônico, mas também para a comunicação alternativa.

Esta comunicação, desde os seus primórdios, apresentou um caráter que apresentava-se afastado do capital das empresas. Sobre isso, Carvalho (2014) traça um histórico no Brasil dizendo que

ela se relaciona com a imprensa sindical do final do século XIX, com a imprensa partidária da primeira metade e do século XX e, mais recentemente, com impressos como revistas *Realidade* e *Caros Amigos*, e jornal *Brasil de Fato*, entre outros. (Carvalho, 2014, p. 130).

A comunicação alternativa foi marcante na ditadura militar brasileira (1964-1985), nos tempos de hoje, a cada dia, se faz presente no ambiente digital. Para Carvalho (2014), enquanto a internet apresenta uma crise para o jornalismo comercial que precisa se readequar nesse formato para continuar gerando lucro, para o jornalismo alternativo essa foi a oportunidade para baratear custos de produção de conteúdo, consequentemente gerando uma potencialização da capacidade de formação de opinião. Apesar da internet ainda não corresponder de fato à chamada democratização da informação, é importante destacar que ela tem, dentre outras potencialidades, a desestabilização do monopólio da informação dos veículos hegemônicos.

É nesse cenário que surge a iniciativa independente Outros 400, objeto de investigação do presente artigo.

O *culture jamming* no título da Outros 400: uma reafirmação do caráter contra-hegemônico

Em seu âmago, o *culture jamming* diz respeito à subversão de uma marca, seja textual ou imagética (Diniz, 2008) conhecida, para que haja um reconhecimento imediato do destinatário, desse modo, sendo comuns as intervenções que utilizam grandes símbolos do capitalismo industrial como a Coca-Cola, McDonald's, entre outros.

De acordo com Diniz (2008, p.2) os *jammers* estão a “não-serviço do mercado”, ou seja, não são frutos de grandes instituições ou organizações, quase sempre são anônimos, preocupando-se assim com a crítica imediata de um modelo de desenvolvimento que invade o espaço e aprisiona seus indivíduos em hábitos de consumo e de pensamento capitalista. A prática, assim designada, surgiu no conservador contexto sulista dos EUA em meados dos anos 90 do século passado, quando ativistas passavam a ligar para emissoras de rádio fundamentalistas a fim de contestar suas posições por meio de trotes jocosos (DOWNING, 2002, p. 196). A partir disso, os *jammers* logo foram para as ruas, intervindo em cartazes publicitários e apropriando-se do grafite (como os *stencils* de Banksy no Reino Unido⁶, nome que se tornou conhecido no contexto da arte popular).

Essas interferências podem ser produzidas através de uma simples pichação em um banner ou um outdoor publicitário, quanto através de impressão e veiculação de peças publicitárias parodiadas. A atuação no espaço urbano, entretanto, é a expressão desse protesto em âmbito local. Tendo na Internet um suporte tecnológico essencial para sua atual configuração, a *Culture Jamming*, assim como outras manifestações de ativismo online, utiliza a rede para mobilizar e organizar suas ações em dimensões globais, promovendo, no entanto, ações e manifestações de natureza local, com intervenções em espaços públicos urbanos, ou em outras mídias associadas. (Diniz, 2008, p.2)

Pode-se aproximar esse conhecimento do objeto de estudo, a página Outros 400 com relação a seu título, pois reconhece-se aqui a prática *jammer* que ocorre nele. Na página Outros 400, mostra-se presente na subversão existente na expressão ibérica “Outros 500”,

⁶ Uma das mais famosas intervenções de Banksy foi a do stencil da icônica garota vietnamita Kim Phuc de mãos dadas com Ronald McDonald e Mickey Mouse. A foto tirada por Huynh Cong "Nick" Ut na Guerra do Vietnã (Associated Press) data de 1972 e mostra a garota correndo nua após ser vítima de um bombardeio. A foto foi utilizada por muitos anos como propaganda governista contra o Ocidente e é considerada o maior símbolo iconográfico da Guerra do Vietnã. Stencil Revolution. RONALD MCDONALD AND MICKEY MOUSE BY BANKSY. Disponível em: <<http://www.stencilrevolution.com/banksy-art-prints/ronald-mcdonald-and-mickey-mouse/>>. Acesso: 08/02/2016.

que remete, no século XIII, a uma multa feudal de 500 soldos que deveria ser paga por quem ofendesse um nobre, e que, caso acontecesse novamente, haveria outro julgamento, assim sendo incorporada pelo vocabulário popular lusitano e posteriormente brasileiro (Mundo estranho. 19/03/2016). O título então toma a expressão dotada de uma apropriação colonial, trocando o “500” por “400”, destacando, assim, uma outra história, um outro quatrocentésimo aniversário de fundação da cidade de Belém.

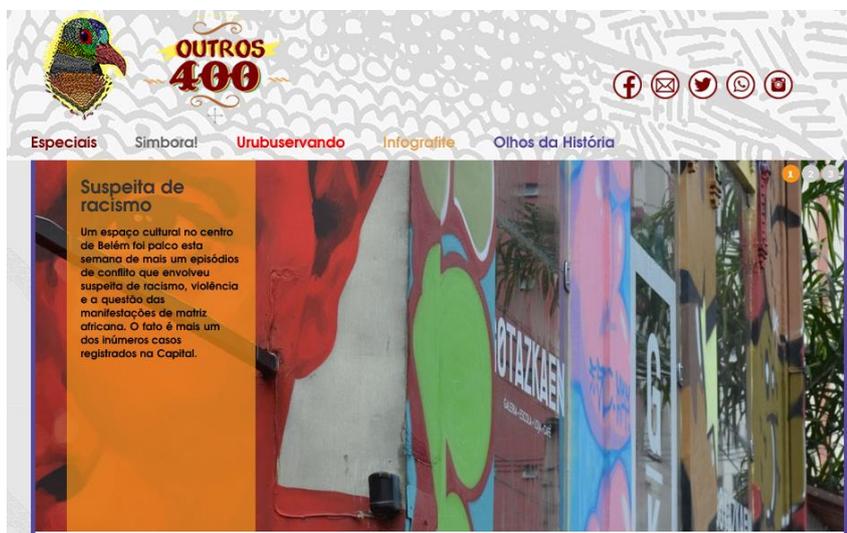
Observa-se, com isso, que a utilização do *culture jamming* já no título da página destaca a proposta de construção de uma mídia radical alternativa. Registra-se que assim como Outros 400, um grupo de resistência indígena chamado Movimento “Brasil: Outros 500” utilizou da subversão de tal expressão para contestar os festejos do aniversário de 500 do Brasil, com ênfase no discurso sobre o descobrimento do nosso país. (Folha online. 14/06/2016).

Outros 400: uma mídia alternativa na internet.

As mídias radicais buscam formas mais baratas de se manifestarem, pois os investimentos são escassos, desde o teatro de rua, até murais, vestimentas e a apropriação de tecnologias. Nesta perspectiva, Downing (2002) ressalta que a internet é a forma mais barata atual para o que ele chama de “usos radicais das tecnologias” (DOWNING, 2002, p.39), o que pode ser percebido na grande quantidade de iniciativas como a Outros 400, sem financiamento algum, sem publicidade, mas com produção regular de conteúdo radical.

O conteúdo da página é gerado por uma equipe de jornalismo, publicidade e fotojornalismo. Moisés Sarraf, Abílio Dantas, Kamilla Santos, Kleyton Silva, Natássia Ferreira e a Yasmin Uchôa (jornalistas); Herôn Victor Farias e Mari Smith (publicitários) e Klewerson Lima (Fotojornalista). Mais recentemente, contam com uma coluna sobre pauta feminista comandada por Paloma Franca Amorim e Wellignta Machado (CUNHA, 2016).

Figura 1: Apresentação da página inicial “Outros 400”.



Fonte: *Outros 400* (14/06/2016).

Na descrição presente na página *Outros 400*, a aba “Quem somos” informa ao público as razões do lançamento da iniciativa jornalística:

será o maior repositório de informações relacionadas às atividades do quarto centenário da cidade, se tornando, ainda, uma agenda cultural de eventos, além de aproveitar o acontecimento para discutir os problemas da cidade e do futuro de Belém. Utilizando-se da linguagem jornalística, o portal *Outros400* é a linha do tempo da cidade: passado, presente e futuro. (*Outros 400*, 14/06/2016)

Antes mesmo do conteúdo, essa descrição mostra-se clara na aba dos “princípios editoriais” da página em que alguns fatores são elencados dentro do que definem como “uma visão crítica da realidade” (*Outros 400*. 14/06/2016). O primeiro ponto é a “parcialidade” que a página assume em suas reportagens; o jornalismo é parcial. O segundo é a “diversidade”, tida pela equipe como uma “bandeira”, responsabilizando-se por colocar em pauta povos marginalizados ao longo da história. O terceiro é o “espírito crítico”, em que a página propõe-se a “desconstruir verdades tidas como absolutas em Belém e na Amazônia” sendo a comunicação uma busca de “emancipação social” (*Outros 400*, 14/06/2016).

No “manifesto” da página, chamado o “O canto do urubu”, faz-se presente uma linguagem mais metafórica que explicita os objetivos da equipe com a iniciativa. No texto

de apresentação, é retratada sob o formato de uma pequena crônica a figura do urubu⁷, presente no cotidiano da cidade, como um observador do seu passado de colonização, de urbanização e de mazelas sociais (Outros 400. 14/06/2016). No final é desenvolvido um pensamento que reivindica a compreensão crítica ao aniversário da cidade:

O ano em que chegamos ao quarto centenário de Belém não pode tornar-se uma vitrine para que, mais uma vez, uma história de genocídios e exclusão social seja escondida e naturalizada. Ou pior: convertida em algo merecedor de louvores, sendo assim também ocultadora da situação real de nosso presente.” (Outros 400, 14/06/2016)

Dentro da página, o conteúdo é dividido de modo não convencional. O critério para essa divisão não é o eixo temático, mas sim o tipo de texto, como se fossem os cadernos do formato impresso. A primeira seção é chamada de “especiais” e é preenchida por reportagens mais longas sobre questões problemáticas do cotidiano da cidade. A segunda, “Simbora”, divulga eventos do circuito não-comercial de Belém. A seção “Urubuservando” publica notícias de caráter factual. A seção “Infografite” durante o período de análise (o mês de janeiro de 2016) ainda não havia publicações. A última “Olhos da história” tem como tema alguns ícones de Belém, sendo descritos em sua relevância para a cidade (Outros 400. 14/06/2016).

A divisão em seções tem uma intencionalidade clara de organização, diferente da tradicional, mas que conduz a uma leitura acessível de fácil compreensão. A linguagem é simples, nos padrões do jornalismo em tempos de internet, os textos não são longos, porém os assuntos são tratados com nível de exigência de investigação.

Neste artigo, além da análise dos textos acima, a intenção não é investigar cada seção em suas particularidades, mas sim construir um diálogo entre elas suscitando eixos de discussão que se encontram em todas e criam a unidade da página enquanto mídia radical alternativa. Desse modo, podemos destacar presente nos textos: o papel das instituições/ organizações na cidade, políticas públicas e a população civil, divulgação de eventos, principalmente no mês de aniversário de Belém, como figuras de análise mais adequadas a essa construção.

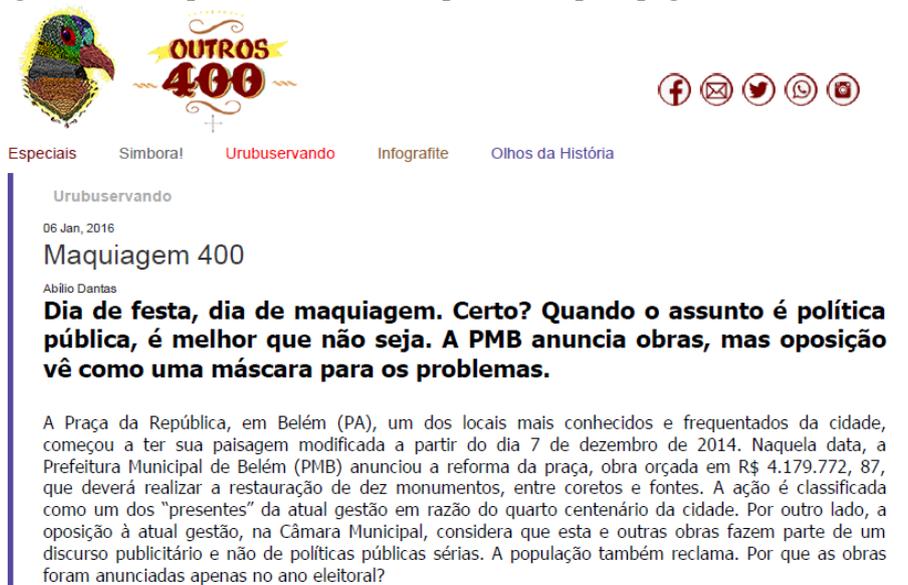
A população de Belém foi a mais destacada do conteúdo de Outros 400 durante o período investigado. Janeiro foi importante para essa discussão, pois além dos festejos do quatrocentésimo aniversário de Belém, é um mês que se relembra na cidade a Revolta

⁷ Devido à exposição de carnes e peixes na feira ao ar livre, há forte presença de urubus no Ver-o-Peso, sendo inclusive um ícone dele em representações culturais.

Cabana (1835-1840), em que as populações mais marginalizadas da então Província do Grão-Pará lutavam contra o domínio português ainda existente na região após a independência do Brasil.

Sendo assim, é possível observar o resgate desse “espírito cabano” na insatisfação com ações políticas tomadas dentro de uma esfera restrita de decisões. A gestão municipal aparece, principalmente, na figura do atual prefeito de Belém (Zenaldo Coutinho), como ponto de críticas no dia do aniversário da cidade. O já tradicional bolo⁸ de parabéns e o monumento construído em homenagem à cidade (que ficou popularmente conhecido como “chifre” devido ao seu formato, elevado na Praça dos Estivadores, Centro Histórico), foram motivos de ironias, frente ao descaso com às reivindicações de direitos de populações excluídas socialmente. Em um dos textos das matérias, essas políticas, dentre outras, são chamadas de “maquiagem” (Outros 400, 14/06/2016).

Figura 2: Exemplo de uma matéria publicada pela página.



Fonte: *Outros 400* (14/06/2016).

⁸ Todos os anos nas comemorações do aniversário, a Prefeitura de Belém realiza um ato simbólico em que um bolo de vários metros é cortado e distribuído à população.

Figura 3 Exemplo de uma matéria publicada



Outros 400

Facebook, Email, Twitter, WhatsApp, Instagram

Especiais Simboral **Urubuservando** Infografite Olhos da História

Urubuservando
 25 Jan, 2016
Conselho de Cultura
 Abílio Dantas
Apesar da pressão do Ministério Público, a implementação do Conselho Municipal de Cultura não é uma das prioridades da prefeitura de Belém, apontam representantes da cultura.

O dia 14 de janeiro de 2016 poderia ter sido um dia histórico para os movimentos culturais e artísticos de Belém. Naquela ocasião, o prefeito Zenaldo Coutinho deu posse aos conselheiros do Conselho Municipal de Cultura, entidade que tem como meta tornar mais horizontal e transparente a gestão de ações culturais na cidade. No entanto, a história é outra. A demora da Prefeitura Municipal de Belém (PMB) em dar posse aos representantes e as sucessivas recusas à implementação completa do Sistema Municipal de Cultura, do qual o Conselho faz parte, demonstram o desinteresse da gestão em cumprir seu compromisso de campanha. Para completar o cenário, o [Ministério Público Estadual \(MPPA\)](#) anuncia que tomará atitudes visando a implementação imediata da Lei.

A não implementação do Sistema Municipal de Cultura pelo agente público pode configurar improbidade administrativa se após as investigações comprovar-se a má-fé do agente público

Fonte: *Outros 400* (22/06/2016)

E mais especificamente sobre a cidade, algumas reportagens tratam de temas mais gerais sobre certos assuntos, recorrendo a alcunhas populares que ela recebe. São textos bastante críticos. Questiona-se, por exemplo o título que ela popularmente recebe de “Cidade das mangueiras”, frente a políticas de retiradas de árvores dos centros urbanos.

Figura 4: Matéria descrita acima.



Outros 400

Facebook, Email, Twitter, WhatsApp, Instagram

Especiais Simboral **Urubuservando** Infografite Olhos da História

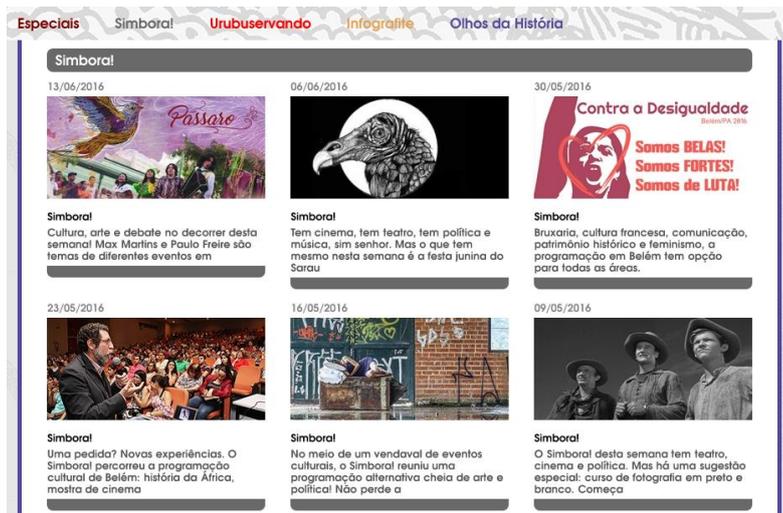
Especiais
 08 Jan, 2016
Cidade das Mangueiras
 João Cunha
Se toda Belém sofre com falta de qualquer arborização, a cidade ainda pode ser chamada de Cidade das Mangueiras? Na primeira reportagem da série #Belémpraquem, o Portal Outros400 procura o que está por trás do famoso título belenense.

Elas estão por aqui há tanto tempo que nós as consideramos de casa, mas as mangueiras não são cria da Amazônia. A espécie (*Mangifera indica*), nativa das florestas do sul e sudeste da Ásia, fincou raízes tão fortes no solo e no imaginário de Belém do Pará que se construiu uma identificação entre a capital, seus habitantes e essa árvore de tronco espichado, copa grande e de boa sombra e frutos-delícia. Virou expressão e marca turística. Só que, passado mais de um século do germinar dessa relação, o epíteto de “Cidade das Mangueiras” venceu a prova do tempo e do crescimento territorial e demográfico?

Fonte: *Outros 400* (14/06/2016).

Já a divulgação dos eventos na página se destaca no formato de agenda cultural. São exposições, palestras, cinema, teatro, dança, ocupações de rua, reuniões, workshops, sempre pertencentes ao cenário não-comercial. É notável na maioria desses eventos divulgados, a valorização da ocupação do espaço público pelo público.

Figura 5: Subdivisão descrita acima.



Fonte: *Outros 400* (14/06/2016).

O período analisado englobou parte das comemorações do carnaval, o que garantiu espaço para os blocos de rua. Quando em referência às batalhas de *rap* que ocorrem em praças públicas da cidade (uma inclusive em homenagem à missionária ambientalista Dorothy Stang, na praça Dorothy Stang na Sacramenta, um bairro periférico de Belém), a entrada é referida como “É só chegar”, reiterando a agregação popular que há nessas ações (Outros 400. Acesso em: 14/06/2016). Quanto ao audiovisual, todas as salas de cinema citadas fazem parte do circuito alternativo de filmes de Belém, como o Cine Olympia, o Cine CCBEU, o cineclube Alexandrino Moreira e o Líbero Luxardo, de modo que com exceção do último, todos têm entrada gratuita.

Os textos acima servem de exemplos da forma crítica da página, como também a estrutura com que são construídos nas subdivisões aqui apresentadas. É fato que o recorte temporal para análise não dá conta do que se pode extrair do conteúdo produzido pela página Outros 400 como potência jornalística de contestação. Aqui foram elencados alguns textos que se encontram também na agenda cobertura midiática hegemônica, mas que na Outros 400 apresentam perspectiva de leitura crítica e alternativa, mais horizontal e plural com a diversidade dos problemas da cidade de Belém.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo propor uma construção reflexiva da página “Outros 400” à luz dos parâmetros teóricos da mídia radical alternativa de Downing no contexto do jornalismo digital, referente ao ano de aniversário de 400 anos da cidade de Belém. Tal construção foi feita a partir da coleta de informações sobre a proposta da página na forma como ela é descrita; de análise de textos jornalísticos; e do próprio título “Outros 400” como uma forma de *culture jamming*, para criar um reforço à proposta editorial de jornalismo crítico.

Nesta perspectiva, pode-se considerar o que diz Downing (2002) relativo à mídia radical:

a) expressar verticalmente, a partir dos setores subordinados, oposição direta à estrutura de poder e seu comportamento; b) obter, horizontalmente, apoio e solidariedade e construir uma rede de relações contrária às políticas públicas ou mesmo à própria sobrevivência da estrutura de poder. Qualquer exemplo pode incluir ambos os propósitos, vertical e horizontal. (Downing *apud* Carvalho, 2002, p. 29-30).

A contestação a que Downing (2002) pode ser observada no caso do objeto de investigação desde a identidade da página, começando pelo seu formato jornalístico diferenciado no que diz respeito à estruturação de editorias e cadernos; perpassa por suas propostas, como a defesa à parcialidade sendo uma forma de resistência e de se posicionar claramente sobre as discussões levantadas; no conteúdo, é explícita essa preocupação pelo modo como as figuras já destacadas aparecem, de maneira que é garantido direito de fala de todo e qualquer cidadão e há a crítica ao modo sistêmico de operar a sociedade de Belém.

Sabe-se que a pesquisa não esgota as discussões acerca do que se tem produzido na cidade quanto ao jornalismo independente alternativo nesse ambiente de convergência midiática, tanto pela apresentação de apenas uma iniciativa, como também pela escolha de um limite temporal de análise. É certo que muito se foi produzido depois, mas a proposta do artigo foi fazer uma reflexão de como a cidade de Belém no seu aniversário de 400 anos pode ser vista sob outros olhares mais críticos e menos hegemônicos.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO NETO, Antônio Martins de. **O Jornalismo Na Guerra Do Iraque: A Relação Entre Jornalistas, Militares Na Era Dos Repórteres Embutidos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro, 28, 2005.

CARVALHO, Guilherme. **Jornalismo alternativo na Era digital: análise da reportagem da Agência Pública**. *Alterjor*. São Paulo, v.2, n.10, p. 126 – 142, 2014.

DINIZ, Juana Ribeiro. **Culture Jamming: ativismo e contra-hegemonia**. Caligrama (São Paulo. Online), [S.l.], v. 4, n. 1, apr. 2008.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MIELNICZUK, Luciana. **Webjornalismo de Terceira Geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web**. *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*. Vol. 27. 2004.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de Doutorado (Comunicação) – UFBA/PPGCC, Salvador, 2003.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate**. *Revista PJ: BR*. Edição 04, 2004.

Stencil Revolution. Ronald Mcdonald and Mickey Mouse by Banksy. Disponível em: <http://www.stencilrevolution.com/banksy-art-prints/ronald-mcdonald-and-mickey-mouse/> >. Acesso: 08/02/2016

Mundo Estranho. **Como surgiu a expressão “Outros 500”?** Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-expressao-outros-quinientos>. Acesso: 19/03/2016.

Belém Cidade Luz da Amazônia. Disponível em: <http://www.belemcidadeluz.com.br/o-projeto>. Acesso: 20/03/2016

ORM News. **Belém Cidade Luz da Amazônia começa atrações de 2015**. Disponível em: <http://www.ormnews.com.br/noticia/belem-cidade-luz-da-amazonia-comeca-atracoes-de-2015>. Acesso: 14/04/2016.

G1 Globo. **Fotografia mais famosa da Guerra do Vietnã completa 40 anos**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/06/fotografia-mais-famosa-da-guerra-do-vietna-completa-40-anos.html> >. Acesso: 08/02/2016.

Folha online. **Índios realizam marcha inédita para contestar o Descobrimento**. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/report_10.htm. Acesso: 14/06/2016.

CUNHA, João. [15/06/2016]. Entrevista concedida a Rodrigo Avelar Corrêa.

Outros 400. Disponível em: <http://www.outros400.com.br/>. Acesso: 14/06/2016

Outros 400. **Maquiagem 400.** Disponível em:
<http://www.outros400.com.br/urubuservando/3719>. Acesso: 26/06/2016.

Outros 400. **Cidade das Mangueiras.** Disponível em:
<http://www.outros400.com.br/especiais/3721> Acesso: 26/06/2016.

Outros 400. **Simbora.** Disponível em: <http://www.outros400.com.br/simbora/3856>. Acesso: 26/06/2016.

Outros 400. **Quem somos.** Disponível em: <http://www.outros400.com.br/quemsomos>. Acesso: 26/06/2016.

Outros 400. **Princípios editoriais.** Disponível em: <http://www.outros400.com.br/editoriais>. Acesso: 26/06/2016.

Outros 400. **O canto do urubu.** Disponível em: <http://www.outros400.com.br/manifesto>. Acesso: 26/06/2016.

Outros 400. **O chifre da cidade.** Disponível em:
<http://www.outros400.com.br/olhosdahistoria/3755> . Acesso: 26/06/2016

Outros 400. **Infografite.** Disponível em: <http://www.outros400.com.br/infografite>. Acesso: 26/06/2016.